

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

KARINA ANGOLINI

**ANJOS MALVADOS: UM ESTUDO SOBRE A MANIFESTAÇÃO DE
COMPORTAMENTOS PSICOPÁTICOS NA INFÂNCIA**

Campinas

2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**ANJOS MALVADOS: UM ESTUDO SOBRE A MANIFESTAÇÃO DE
COMPORTAMENTOS PSICOPÁTICOS NA INFÂNCIA**

Karina Angolini

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da UNICAMP sob a orientação
do professor Dr. Valério José Arantes como requisito
para a conclusão do curso de Licenciatura em
Pedagogia.

Campinas

2016

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

An47a Angolini, Karina, 1993-
Anjos malvados : um estudo sobre a manifestação de comportamentos
psicopáticos na infância / Karina Angolini. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Valério José Arantes.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Psicopatologia infantil. 2. Personalidade psicopática. I. Arantes, Valério
José, 1949-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III.
Título.

Informações adicionais complementares

Titulação: Licenciada em Pedagogia

Data de entrega do trabalho definitivo: 25-08-2016

Dedico este trabalho ao meu pai, Adilson, à minha mãe
Evanilde, ao meu irmão Danilo e a todos aqueles que me
acompanharam e me acrescentaram saberes e vivências ao
longo desses cinco anos.

AGRADECIMENTOS

Não foram poucas as vezes que intencionei abandonar o curso de Pedagogia. Foram muitos períodos de dúvidas, cansaço e preocupação: afinal, fiz uma escolha certa para minha carreira? Confesso que essa pergunta ainda não pode ser respondida; afinal, restam muitas portas para abrir e muitas outras que ainda precisam ser fechadas. Por hora, o sentimento que prevalece é de gratidão.

Primeiramente, devo agradecer à UNICAMP. Sem ela eu não seria muito do que hoje sou e não teria vivenciado e conhecido pessoas e lugares tão incríveis nessa jornada, que me permitiu realizar o sonho de fazer um intercâmbio – algo pelo qual serei eternamente grata – permitiu com que eu criasse senso crítico e deixasse de pensar de acordo com o senso comum. Conheci pessoas imensamente sábias, simples e belas; por outro lado, tive que aprender a enfrentar sujeitos arrogantes e difíceis, e algo que me deixa imensamente grata é isso, pois conheci o melhor e o pior desse gigante mundo que é nossa universidade. E hoje eu posso falar: eu não desisti, eu lutei até o fim.

Porém, antes de qualquer coisa, para que tudo isso fosse possível, está a figura de minha família: papai, mamãe e mano. Sem vocês eu não estaria aqui, sem vocês já teria abandonado o barco há tempos e feito sei-lá-o-quê dessa vida. Vocês sempre foram e sempre serão meu maior sustento, meu maior motivo para tentar ser alguém melhor dia após dia.

Agradeço também aos amigos que fiz ao longo desses anos: foram poucos, mas foram riquíssimos em qualidade: Tainá Arcanjo, Julia Rodrigues, José Claudio, Jéssica Lima, Helena Branquinho, Jaqueline Tamara e Bernardo Ribeiro – vocês me ajudaram (e muito) a chegar até aqui, e tenho o prazer de dividir com vocês o título de pedagoga.

Todos os professores que passaram por mim me ensinaram, mas alguns foram extremamente marcantes: Agueda Bernardete Bittencourt; Alexandro Henrique Paixão; Alik Wunder; Ana Smolka; Aparecida Neri de Souza; Carolina de Roig Catin; Guilherme do Val Toledo Prado; Luiz Carlos de Freitas; Newton Antônio Paciulli Bryan; Pedro Ganzeli; Sílvio Donizetti de Oliveira Gallo e o meu querido orientador Valério Arantes. Vocês constituem parte de quem sou hoje e da profissional que serei amanhã; a vocês minha eterna gratidão.

Porém, nada disso seria possível sem meu esforço, garra e determinação, por isso agradeço a Deus por ter me ajudado tanto a agüentar os trancos e a aprender que vale a pena

lutar pelo que se almeja – e mesmo na dúvida, eu aguentei. Consegui realizar uma vontade latente desde o período da infância, enquanto arrastava meu irmão para ser meu aluno na lousa que meu pai havia feito para mim no quintal de casa.

Agradeço também todos os colegas de profissão que fiz ao longo dos anos: foram pessoas que ensinaram muito, e quero agradecer especialmente a Danigélis Cola, a melhor professora que conheci na minha vida, uma segunda mãe e um modelo de pedagoga.

Hoje posso dizer que meu amor pelas crianças vai além do afeto e do desejo por ensiná-las: meu amor pelas crianças consiste também no aprendizado que elas me proporcionam e no bem-estar que cada abraço recebido trás consigo.

RESUMO

A pesquisa tem o intuito de investigar sobre os possíveis traços da psicopatia na infância, delineando as principais caracterizações do termo e buscando estabelecer, sem esgotar o tema, se é ou não plausível afirmar que uma criança será um futuro psicopata. Desta maneira, para que o objetivo fosse concretizado, primeiramente, esclarecemos o que é a psicopatia e como o sujeito se identifica na nossa sociedade, para depois, nos capítulos subseqüentes, estabelecer uma visão panorâmica com as possíveis relações que se desdobram entre psicopatia e criação e psicopatia e natureza, para finalmente chegar ao objeto de estudo: a infância em face à psicopatia. A abordagem metodológica do trabalho baseia-se em pesquisa qualitativa, com a investigação bibliográfica de materiais que estudem o conceito de psicopatia e suas principais características, tão bem quanto investigar suas origens e como é processado o diagnóstico precoce, além de delinear o envolvimento e a preocupação da sociedade para com o transtorno. Buscou-se também trazer alguns casos ocorridos no Brasil e no mundo para que o leitor tenha maior entendimento do assunto abordado. As percepções obtidas no final do trabalho demonstram que na infância muitos traços da personalidade psicopática já se manifestam, mas que é errôneo afirmar que uma criança é psicopata, assim como também é complexo estabelecer um paralelo entre psicopatia e criação e psicopatia e natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Psicopatia na Infância; Personalidade Psicopática; Psicopatia e Criação; Psicopatia e Natureza.

ABSTRACT

The research aims to investigate the possible traits of psychopathy in childhood, outlining the main characterisations of the term and seeking to establish, without exhaust the subject, If it is plausible to say that a child is psycho. In this way, the objective will be achieved. it sought to clarify, first, what is psychopathy and how the subject is identified in our society, and then, in subsequent chapters, to establish an overview on the possible relationships that unfold between psychopathy and psychopathy and creation and nature, to finally reach the object of study: childhood in the face of psychopathy. The methodological approach to work is based on a qualitative research, with a bibliographical research material to study the concept of psychopathy and its main features, as well as investigate its origins and how early is processed and outlines the involvement and concern of the society towards the disorder. He sought to bring some cases occurred in Brazil and the whole world for the reader having a better understanding of the subject matter. The insights gained at the end of the work, demonstrate that it is in childhood that many traits of psychopathic personality emerge, but it is wrong to say that a child is psycho, and it is also complex to establish a parallel between psychopathy and psychopathy and creation and nature.

KEY-WORDS: Psychopathy in Childhood; Psychopathic Personality; Psychopathic and Creation; Psycopathic and Nature.

LISTA DE SIGLAS

ABP - Associação Brasileira de Psiquiatria

APA – Associação Americana de Psiquiatria (sigla em inglês)

CER – Centro de Educação Regional

INPD – Instituto Nacional de Psiquiatria do Desenvolvimento

MMPI – Minnesota Multiphasic Personality Inventory

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. INSERÇÃO DO SUJEITO PSICOPATA NA SOCIEDADE	13
1.1. Definindo o sujeito psicopata	14
1.1.1 Breve histórico da psicopatia	18
1.2. Crianças Malvadas: Origens Do Problema.....	20
1.2.1 Traços patológicos: psicopatia x criação.....	21
1.2.2 Traços patológicos: psicopatia x natureza.....	25
1.2.3 Considerações sobre a interação entre natureza e criação na psicopatologia infantil ...	26
1.2.4 A justiça e a sociedade frente à psicopatia: algo pode ser feito?.....	30
2 METODOLOGIA	32
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
3.1 Visão interativa entre pedagogia e psicopatia	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa visa estudar – sem esgotar o tema – sobre como uma criança pode evoluir para um comportamento social inadequado, analisando as prováveis causas da característica psicopática que acompanham um sujeito desde o berço.

O ser humano vive em sociedade, na qual executa e coopera para a manutenção da mesma de acordo com sua personalidade, e o intuito de quase todos os homens é manter a harmonia. O sentimento que é capaz de controlar os impulsos negativos que travariam uma guerra entre os seres humanos é a empatia, que é o mecanismo que desperta a capacidade de colocar-se na pele de outra pessoa e sensibilizar-se com seu sofrimento. Entretanto, há uma minoria que não se aflige com as dores dos outros – e até mesmo gosta de causá-las – não sentindo empatia por qualquer ser vivo: são os psicopatas. Eles são seres racionais que dificilmente agem com emoção, o que os torna predadores e parasitas. “Parasitas se associam a outros organismos para tirar os meios com que eles sobrevivem. Podem enfraquecer o hospedeiro, mas lhes interessa que ele continue vivo, para que sigam alimentando-se dele lentamente. Já predadores capturam e maram sua presa. Terminada a carcaça, partem para a seguinte”.¹

Nos dias atuais a ciência desenvolveu alguns métodos para descobrir quem são os verdadeiros psicopatas que se escodem na sociedade, entretanto, o tratamento ainda é desconhecido, e até mesmo a origem desses vilões é, muitas vezes, mistificada. Quando é feita uma análise a respeito do passado desses criminosos, pode-se notar que muitos deles possuíram uma infância conturbada, com violência e medo: “psicólogos contemporâneos concordam que o potencial de violência criminal é engendrado pelo trauma infantil dentro da família. Eventualmente, a criança aprende que uma resposta violenta ao abuso gera respeito e medo nos outros, e desta forma desenvolve a crença de que a violência é a melhor forma de lidar com as pessoas”.² Tendo este fato como base, o trabalho buscará descobrir como as raízes dessas maldades (mentiras, pequenos furtos, agressão física e verbal, entre outras ações) influenciam para que estes se tornem psicopatas na vida adulta, confirmando se de fato

¹ HORTA, Maurício. Mentis Psicopatas: Quase Humanos. Super Interessante, edição 267-A, p. 3, outubro, 2014.

² Disponível em: <<http://pasdemasque.blogspot.com.br/2011/10/trauma-de-infancia.html>>. Acesso em 17 de novembro de 2014.

é possível afirmar que uma criança é psicopata ou tornar-se-á uma com certeza. Para os especialistas da área, são três os fatores de risco para a formação de um psicopata: genética, ambiente hostil e lesões cerebrais; sendo assim, a análise biológica e social desse indivíduo faz-se necessária. Porém, de acordo com muitos especialistas contemporâneos, o cérebro do psicopata é normal, sem presença de anomalias. O problema estaria na formação da personalidade anormal.

De acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (APA, em inglês), nenhum sujeito com idade inferior a 18 anos pode ser considerado um psicopata, visto que ainda não tem total discernimento se o que faz é certo ou errado e também levando em consideração que a personalidade está em processo de formação até atingir essa idade. Desse modo, o que pode ser afirmado é que há um transtorno de conduta (padrão repetitivo de comportamento que vai contra regras sociais). Entretanto, não é possível afirmar que todas as crianças que apresentam um comportamento inadequado serão psicopatas, contudo, as chances de se caminhar para tal finalidade são grandes; apesar disso, todos os psicopatas tinham transtorno de conduta quando crianças. A Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) desenvolveu uma pesquisa na qual se constatou que 3,4% das crianças apresentam problemas que podem afligir a sociedade, como mentiras, brigas, furtos e desrespeito, além da crueldade com animais. Em contrapartida, como já dito, nem todas as crianças que apresentam eventos como esses podem ser consideradas psicopatas em potencial, uma vez que Sigmund Freud explicava que todos os seres humanos possuem, desde a infância, impulsos rebeldes e agressivos, e que a sociedade vai moldando o indivíduo juntamente com o ambiente no qual ele se dispõe: “nascemos com um programa inviável, que é atender aos nossos instintos, mas o mundo não permite”³. Porém, o que a sociedade pode fazer para evitar que esses pequenos realmente não se transformem em transgressores? Até que ponto é possível afirmar que as crianças não possuem consciência de suas atitudes? A psicopatologia não tem cura em adultos, porém, é possível mudar o comportamento de crianças com o transtorno de conduta e evitar que se tornem parasitas ou predadores em idade madura? Quando nascem, os sujeitos já ganham uma composição genética específica, mas os bebês já nascem psicopatas ou nascem apenas com tendências e predisposições genéticas ao distúrbio?

³ Sigmund Freud: “O mal-estar na civilização”.

1. INSERÇÃO DO SUJEITO PSICOPATA NA SOCIEDADE

“A socialização também contribui para a formação do que a maioria das pessoas chama de consciência, uma voz interior incômoda, que nos ajuda a resistir à tentação e nos faz sentir culpados quando não agimos assim. Juntas, a voz interior e as normas e regras sociais interiorizadas atuam como uma “polícia interna”. [...] Nossa perplexidade e fascinação com a desconsideração das regras manifestada pelos psicopatas sugere, por comparação, o poder que a “polícia interna” tem sobre nós”.

(Robert Hare)

O primeiro capítulo tem o objetivo inicial de familiarizar o leitor com o termo psicopatia, situando-o sociologicamente e historicamente, com o intuito de que isso o ajude a compreender melhor os capítulos seguintes que abordarão transtornos de personalidade na infância.

O termo psicopatia é muito corrente no âmbito criminológico e também na área clínica, e seu estudo faz-se cada vez mais crescente para compreender melhor a razão pela qual alguns indivíduos não se enquadram na sociedade e apresentam presteza em cometer delitos para satisfazer seus desejos. O ato de se comportar seguindo as normas e regulamentos instaurados historicamente no âmbito social é chamado de socialização: um processo complexo que dita como as coisas são e como devem ser feitas, e faz isso por meio de vários contextos, desde o educacional até o familiar, utilizando-se também das experiências pessoais vividas por cada indivíduo e até mesmo suas práticas religiosas, o que resulta em uma cadeia de costumes, hábitos e crenças que interferem direta ou indiretamente no julgamento e discernimento das atitudes de cada um e, conseqüente a isso, desperta a consciência, que acaba por modelar as atitudes e faz com que se obtenha a percepção de que toda ação tem uma conseqüência, ou seja, a sociedade caminha paralelamente ao controle interno de seus cidadãos. Por conseguinte, a maioria das pessoas sente-se indignada com notícias violentas ou amorais: é o controle moral interno que desperta tal capacidade, a capacidade de sentir. Entretanto, há pessoas incapazes de se comoverem frente ao sofrimento alheio, as mesmas que, muitas vezes, não são detidas pela voz da consciência: os chamados psicopatas; são pessoas que possuem conhecimento do que é socialmente aceito, mas ignoram as regras

facilmente para colocarem seus objetivos em primeiro plano, visto que não são guiados pela consciência, que “depende não apenas da capacidade de imaginar as consequências, mas também da potencialidade de ‘conversar consigo mesmo’ mentalmente” (HARE, 2013, p. 89); sendo assim, tais pessoas passam por cima do que for necessário e são capazes de cometer atrocidades antissociais “de um roubo menor a um assassinato sangrento” (p. 88).

Segundo o psicólogo canadense Robert Hare, renomado pesquisador da área, uma plausível explicação para o fato de agirem em total indiferença com as regras impostas pela sociedade seria o fato de que os psicopatas não são suscetíveis na experimentação de respostas emocionais – principalmente medo e ansiedade – que gerem a consciência, pois o fato de focarem tanto em um determinado objetivo almejado faz com que os alertas conscientes do perigo sejam ignorados ou despercebidos, como se houvesse “um holofote de foco reduzido” (p. 89) sob o desejo, e todo o resto fosse insignificante.

1.1. Definindo o sujeito psicopata

Para compreensão do objetivo do trabalho, é fundamental que o leitor tenha claro sobre o termo abordado no trabalho: psicopatia, como ela é entendida e definida na nossa sociedade, e não com especulações de senso comum. Muitas pessoas, ao ouvirem sobre algum assassinato, costumam logo alegar que a pessoa que o cometeu é um psicopata, um louco, um doente mental. Para evitar compreensões errôneas, foram reunidas definições de pesquisadores da temática.

Kurt Schneider (1948), em um livro que trata das personalidades psicopáticas⁴, traz a visão de inúmeros autores sobre o que seria psicopatia para eles: Birnbaum afirma que psicopatas são indivíduos com uma natureza anormalmente predisposta, em outras palavras, a psicopatia, para o autor, seria hereditária, e os traços de um psicopata afetariam principalmente sua personalidade nas esferas dos sentimentos, vontades e instintos; Kraepelin vai afirmar que a psicopatia é predominantemente genética, acontecendo em indivíduos que possuam formação alterada por fatores genéticos desfavoráveis, seja por lesões ou inibições, classificando-os como psicopatas quando seus defeitos se limitam principalmente à vida afetiva; para Gruhle, é todo desvio congênito importante e frequente; Ziehen afirma que a psicopatia é toda alteração total da personalidade que não seja uma psicose, sendo, portanto,

⁴ Livro escrito em 1948: “Las personalidades psicopáticas”.

uma condição de enfermidade psíquica funcional que demanda problemas no campo afetivo e cognitivo, sem a presença de sintomas graves, como alucinações ou delírios. O próprio autor Schneider acredita que antes de estabelecer uma definição para o que seria uma personalidade psicopática, seria necessário descrever primeiro o que se entende por personalidade: o autor descreve como sendo o conjunto de sentimentos e valores, tendências e volições, apartando capacidades do entendimento (compreensão, combinação, juízo e também o raciocínio lógico), ou seja, exclui o cognitivo, a inteligência, do conceito de personalidade. Schneider alega que há três partes no psíquico de cada sujeito – a inteligência, a personalidade e os instintos. Depois de abordar sobre o que seria a personalidade segundo seu entendimento, o autor começa a discutir sobre as personalidades anormais: que são personalidades que se distanciam do aceitável, do término médio, do frequente e do ordinário, para então chegar ao que seria a psicopatia, que para ele é totalmente distinto de uma personalidade anormal, uma vez que as personalidades psicopáticas podem fazer sofrer a si mesmos ou também a sociedade em geral.

Em um trabalho feito no Chile, pela pesquisadora Eugenia Vinet, a palavra psicopatia é utilizada para designar um sujeito com transtorno social severo, crônico e difícil de tratar. No geral, descreve delinquentes adultos que cometem ou já cometeram delitos (violentos ou não). São sujeitos manipuladores e que enganam a todos para atingirem seus propósitos. De um ponto de vista clínico, um sujeito psicopata é alguém sem empatia, sem traços de afeto, sem remorsos e egocêntrico.

Segundo a autora Ana Beatriz Barbosa, no livro “Mentes perigosas: o psicopata mora ao lado”, os psicopatas “são pessoas frias, insensíveis, manipuladoras, perversas, transgressoras de regras sociais, impiedosas, imorais, sem consciência e desprovidas de sentimento de compaixão, culpa ou remorso” (SILVA, 2008, p. 16). Dizer que um indivíduo é psicopata seria o mesmo que dizer que ele é um sujeito sociopata: são pessoas excessivamente egocêntricas e não têm medo de ultrapassar limites e normas para conseguirem o que desejam. Ainda que sejam sujeitos que não se ajustem à sociedade, possuem a parte cognitiva em perfeito estado, o que significa que sabem o que fazem, porém, “[...] o que lhes falta é sentir: são incapazes de sentir afeto ou emoções” (p. 18).

Ao examinar a palavra psicopata etimologicamente (psyche=mente; pathos=doença), seria possível afirmar que os psicopatas são doentes mentais. Todavia, um psicopata não

apresenta indício de loucura, delírios ou alucinação, o que indica que sua capacidade cognitiva está dentro do padrão considerado normal:

Psicopatas não são loucos, de acordo com seus padrões psiquiátricos e jurídicos aceitáveis. Seus atos resultam não de uma mente perturbada, mas de uma racionalidade fria e calculista, combinada com uma deprimente incapacidade de tratar os outros como seres humanos, de considerá-los capazes de pensar e sentir (HARE, 2013, p. 23).

Desse modo, vale ressaltar que psicopatas não são indivíduos que perderam a noção do real e estão desorientadas; não apresentam alucinações, delírios ou ilusões: são pessoas “racionais, conscientes do que estão fazendo e do motivo por que agem assim. Seu comportamento é resultado de uma escolha exercida livremente” (p. 38). Um psicopata não é necessariamente um assassino: pelo contrário, a maioria destas pessoas consegue o que desejam sem precisar matar a ninguém. Por isso, é necessário parar de pensar no psicopata que apenas mata, mas ter atenção voltada para o psicopata que afeta e suga a vida de muitas pessoas no cotidiano, sem precisar empreender agressões físicas.

O autor Robert Hare foi criador de uma das mais utilizadas avaliações de psicopatia contemporâneas: a Psychopathy Checklist, um trabalho de mais de dez anos de extrema utilidade para diagnosticar os psicopatas de maneira cientificamente sólida, a qual “permite a discussão das características dos psicopatas sem o menor risco de descrever simples desvios sociais ou criminalidade ou de rotular pessoas que nada têm em comum, a não ser o fato de terem violado a lei” (p. 48). Entretanto, quais são essas características que definem o sujeito psicopata? Em seu livro “Sem consciência”, o pesquisador lista uma série de atributos que formam a personalidade psicopática, e estão divididas em traços emocionais/interpessoais e traços de desvio social:

Tabela 1: Sintomas-chave da psicopatia segundo o pesquisador Robert Hare

SINTOMAS-CHAVE DA PSICOPATIA	
Emocional/Interpessoal	Desvio Social

• Eloquente e superficial • Egocêntrico e grandioso • Ausência de remorso ou culpa • Falta de empatia • Enganador e manipulador • Emoções rasas	• Impulsivo • Fraco controle de comportamento • Necessidade de excitação • Falta de responsabilidade • Problemas de comportamento precoce • Comportamento adulto antissocial
--	---

Fonte: HARE, Robert B. **Sem consciência: o mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós.** Tradução por Denise Regina de Sales. Porto Alegre: Artmed, 2013, p. 49.

É importante dizer que a tabela é um resumo geral dos rasgos de psicopatia e comportamentos dos psicopatas, e muitas pessoas podem apresentar esses sintomas isolados, o que não significa que ela seja psicopata, pois a psicopatia é uma síndrome, isto é, um conjunto de vários sintomas articulados. Muitas das características indicam que os psicopatas são pessoas sem remorso e não possuem medo da punição. Hervey Cleckley, na quinta edição de seu livro “The mask of sanity” (1976), assim como Robert Hare, traça um perfil clínico das características mais notáveis em um indivíduo considerado psicopata⁵:

1. Carisma superficial e boa inteligência;
2. Ausência de delírios e outros sinais de pensamento irracional;
3. Ausência de manifestações psiconeuróticas;
4. Desonestidade;
5. Mentira e insinceridade;
6. Falta de remorso ou culpa;
7. Comportamento antissocial sem motivo adequado;
8. Juízo pobre, dificuldade em aprender com experiências;
9. Egocentrismo patológico e incapacidade de amar;
10. Pobreza generalizada em reações afetivas maiores;
11. Déficit específico de insight;
12. Irresponsabilidade generalizada em relações interpessoais;

⁵ Tradução retirada de um trabalho no XXV Congresso Brasileiro de Psiquiatria (Porto Alegre - RS, de 10 a 13 de Outubro de 2007). Disponível em: <<http://www.polbr.med.br/ano07/wal1207.php>>. Acesso em 05 de outubro de 2015.

13. Comportamento fantasioso e desagradável sob o efeito de álcool (às vezes sem);
14. Rara ocorrência de suicídio;
15. Vida sexual superficial, trivial e fracamente integrada;
16. Fracasso em seguir um projeto de vida.

A semelhança de caracterização entre os dois autores é notável: ambos atentam para a superficialidade, ausência de remorso ou sentimento de culpa, incapacidade de experimentações, etc.. Sendo assim, a fins de resumir e compactar o que seria um psicopata, pode-se chegar à conclusão de que são sujeitos manipuladores e capazes de atos extremos – violentos ou não – para chegarem aonde almejam. São pessoas incapazes de sentir afeto, o que explica o motivo pelo qual não pestaneiam em cometer crimes contra a própria família ou amigos próximos. Costumam ser encantadores, mas essa seria apenas uma máscara para atrair suas vítimas e conseguir o que se deseja e, para isso, são eloquentes, convincentes e articulados (até um certo ponto, pois também costumam ser muito contraditórios). Atenção para o fato de que os psicopatas não são necessariamente violentos, mas são predadores que buscam o que querem e, se preciso, não sentiriam remorso ou culpa em cometer atos criminosos.

1.1.1 Breve histórico da psicopatia

Philippe Pinel foi um dos primeiros médicos que escreveu acerca da psicopatia, descrevendo sujeitos que apresentavam falta de remorso e contenção como sofrendo de uma “mania sem delírio”. Tal termo causou grande discussão, uma vez que Pinel acreditava que essa condição do ser humano era neutra, um mal divergente daquele que os indivíduos costumavam causar. Entretanto, outros escritores tomavam tais sujeitos como sendo insanos no que se refere a moral, causando uma discussão entre a terminologia: seriam os psicopatas loucos, maus ou até mesmo diabólicos? (HARE, 2013, p. 41).

Em seu livro “Sem consciência”, Robert Hare traça a linha história da psicopatia a partir da segunda guerra mundial, que foi a época em que se fez necessária a identificação e diagnóstico dos sujeitos potencialmente propensos a desequilibrarem o controle militar imposto, ou seja, tornou-se uma urgência prática para manter o regime da guerra através da compreensão do real motivo pelo qual um sujeito é capaz de romper com tantas normas e

regras sociais, como, por exemplo, no nazismo: tanta violência e brutalidade com o objetivo de conquistar poder. Foi em 1941, com Harvey Cleckey, que o tema passou a ser tomado mais a sério, pois o autor defendia a real importância deste mal e quão perigosos eles poderiam ser para o bem estar da sociedade. O livro “The mask of sanity” foi de fundamental importância, uma vez que, por meio dele, muitas portas da investigação se abriram para a temática, que até então era ignorada, fazendo com que pesquisadores de todo o mundo se atentassem para a amplitude do problema e investigassem a fundo as mazelas que esses sujeitos eram capazes de desempenhar, tendo como finalidade, portanto, desenvolver maneiras eficazes que ajudassem na identificação de sujeitos com essa “mania” para que assim pudessem minorar suas respectivas ações no espaço social.

Definir um sujeito psicopata foi o alvo de várias pesquisas, não sendo tarefa tão simples. “O problema da classificação era a principal pedra no caminho. Estávamos tentando categorizar seres humanos e não maçãs ou laranjas” (HARE, p 44). Em plena década de 1960, os testes utilizados eram muito abrangentes e estavam definidos de autorrelato – o que acaba se tornando um problema, uma vez que é fácil mentir e manipular para alterar os resultados dos testes, e muitos dos sujeitos presos que foram admitidos à tais testes conseguiam bons resultados e, os que estavam na prisão, conseguiam diminuir a pena por apresentar uma suposta melhoria em seu desenvolvimento dentro da prisão. Nessa época, o teste mais famoso que existia era o MMPI – Minnesota Multiphasic Personality Inventory (Inventário Multifásico da Personalidade de Minnesota), que havia sido manipulado por vários presos e sua fidedignidade acabou sendo questionada. O pesquisador Robert Hare, ao perceber fraudes no teste, passou dez anos estudando, juntamente com seus alunos, uma maneira mais viável de diagnosticar a psicopatia: “o resultado [da pesquisa] foi um diagnóstico altamente confiável, que qualquer médico ou pesquisador pode usar e que gera um perfil rico e detalhado da psicopatia” (p. 47). A Psychopathy Checklist (Avaliação de Psicopatia) na atualidade é utilizada para servir de respaldo à médicos e pesquisadores em todo o mundo na hora de diagnosticar com solidez a personalidade psicopática.

1.2. Crianças Malvadas: Origens Do Problema

“[...] Eles estabelecem leis próprias, tanto na infância quanto na vida adulta. Crianças impulsivas que enganam os outros, que não sentem empatia e veem o mundo como sua própria concha serão também *assim quando adultas*”.

(Robert Hare)

Há nos estudos atuais uma divergência que separa as opiniões de especialistas: a personalidade psicopática é um fruto do meio (da criação) ou é um fruto da genética (natureza)? Procurou-se trazer para este subcapítulo as mais diversas opiniões, tendo como respaldo em estudos e pesquisas realizadas até o presente momento. Porém, antes mesmo de entrar nesta divergência, existem aqueles que não acreditam que uma criança possa ser diagnosticada como psicopata, assim como do mesmo modo há aqueles que afirmem que sim, é possível uma criança sofrer desta mazela. Como explicar o fato de que uma criança que foi criada com muito amor, carinho, atenção, valores morais e éticos saia do caminho socialmente aceito? Como algumas crianças que sofreram diversos abusos na infância não se tornaram criminosas? E como irmãos que receberam a mesma criação e o mesmo tratamento tomam rumos tão distintos na vida adulta – um que pende para o lado obscuro e outro que não se corrompe?

Para a pesquisadora Eugenia Vinet, da Universidad de la Frontera, no Chile, o diagnóstico da psicopatia infanto-juvenil é focalizado no Transtorno de Conduta. Este último irá designar padrões de comportamentos antissociais persistentes e extremos para o nível de evolução das crianças.

De acordo com Moffit (1993), as crianças que apresentam uma conduta problemática com pouca idade possuem uma trajetória evolutiva mais persistente e um maior risco de consolidar uma psicopatia na fase adulta; enquanto que quando a conduta antissocial surge na adolescência, poderia ser apenas uma fase, uma forma transitória de lidar com os problemas da idade. As concepções mais atuais apresentam duas aproximações que são distintas do Transtorno de Comportamento:

- A primeira é baseada na hiperatividade e impulsividade; indica que crianças impulsivas apresentam riscos maiores para cometerem atos antissociais e persistentes (Lynam, 1996).
- A segunda é baseada na crueldade e na frieza ou insensibilidade emocional.

Porém, a busca por uma terminologia mais adequada para descrever algumas das manifestações precoces de desvio de conduta ainda continua, assim como também é atual a pesquisa por encontrar um método de avaliação que se enquadre de modo assertivo no diagnóstico de psicopatia desde idade prematura.

Segundo Robert Hare⁶, é importante ficar atento quando uma criança começa a se comportar e cometer os seguintes atos:

- Mentiras repetitivas, casuais e aparentemente sem sentido;
- Aparente indiferença a sentimentos, expectativas ou dores dos outros ou então incapacidade de compreendê-los;
- Contestação dos pais, de professores e de regras;
- Problemas contínuos e falta de resposta a reprimendas e ameaças de castigo;
- Pequenos roubos de objetos de outras crianças e dos pais;
- Agressão, bullying e brigas persistentes;
- Registro de faltas contínuas à escola, desrespeito ao horário de voltar para casa, saídas de casa sem avisar;
- Padrão de machucar ou matar animais.

1.2.1 Traços patológicos: psicopatia x criação

Revelar as causas que produzem o psicopata é, por enquanto, algo inatingível aos pesquisadores. Porém, o que alguns deles descobriram em suas pesquisas é que “a negligência e o abuso de crianças podem causar terríveis danos psicológicos” (HARE, 2013, p. 177). Em uma pesquisa realizada na Espanha, na universidade de Santiago de Compostela, as autoras Laura López-Romero, Estrella Romero e Paula Villar fizeram um levantamento entre a relação dos estilos educativos dos pais/responsáveis e os traços e psicopatia na infância. Elas

⁶ A lista foi retirada da página 165 do livro “Sem Consciência”.

analisaram que em muitos estudos estão sendo constatados que casos de traços psicopáticos adultos também são vistos nas atitudes tomadas por crianças: traços afetuosos (ausência de culpa); traços interpessoais (manipulação) e de conduta (impulsos). Tais constatações indicam que os traços de psicopatia, para as autoras, podem ser desenvolvidos desde o início da vida. Elas citam o experimento de Bowlby (psiquiatra, psicólogo e psicanalista inglês com profundo interesse no desenvolvimento infantil) que mostra a possível influência familiar para o desenvolvimento da psicopatia, alegando que as crianças que ficavam privadas de suas mães nos primeiro cinco anos de vida corriam o risco de sofrerem consequências irreversíveis, dentre elas o desenvolvimento de um caráter frio e carente de afeto – semelhante ao componente emocional que caracteriza o perfil psicopático da personalidade. Nesta pesquisa, as autoras alegam que há muitas variáveis familiares que podem servir de influência para tal comportamento, como pouca supervisão, rejeição dos pais, disciplina inconsistente, dentre outros. Mashall e Cooke, em um estudo realizado em 1999, comprovaram que os presos diagnosticados como psicopatas tiveram uma infância dura: pouca supervisão dos pais, pouco afeto e pouca disciplina.

No estudo realizado pelas autoras acima citadas, ficou comprovado, por meio de questionários aplicados por elas, que os filhos de pais autoritários eram os que mais apresentavam traços de conduta anormal, como ausência de responsabilidade, impulsividade e falta de planejamento. O nível de dureza e de insensibilidade emocional foi maior nos filhos de pais autoritários também. Outro resultado alegou que, com base na pesquisa feita, a comunicação entre pais e filhos e o uso do diálogo para solucionar problemas facilita o desenvolvimento emocional e influem na conduta dos filhos. As autoras também constataram que as crianças tratadas com punições físicas eram geralmente as mais insensíveis emocionalmente. Em resumo, elas afirmam que a educação dos pais exerce influência para o desenvolvimento de uma personalidade psicopática e não somente os traços de conduta do próprio sujeito. As autoras aplicaram dois questionários: um aos pais (resultado expresso acima) e um aos professores. Este último teve como resultado que os filhos de pais mais democráticos manifestavam menores níveis de aspectos psicopáticos, o que acabou por confirmar a importância das práticas educativas utilizadas pelos pais. A conclusão das autoras da pesquisa foi que os traços psicopáticos podem ser manifestados durante a infância, alegando que sabem como esse assunto é polêmico; elas apontam que a personalidade psicopática pode ser influenciada durante os primeiros anos de vida pela presença de diversos fatores ambientais e internos ao sujeito. Isso tudo ajudaria no delineamento de programas de

prevenção e intervenção contra a aparição dos fatores de risco (práticas educativas não funcionais) com o intuito de reduzir o impacto no desenvolvimento cognitivo, emocional e de conduta, segundo as espanholas.

Entretando, Robert Hare afirma em seu livro que há “poucos indícios de que dificuldades no estabelecimento de laços na infância possam ter alguma coisa a ver com o desenvolvimento da psicopatia” (p. 179), alegando que, embora muitas teorias culpem a falta de laços afetivos na infância por problemas futuros – como ansiedade, depressão, esquizofrenia, alcoolismo e crimes – tais afirmações não possuem base científica confiável.

Enquanto alguns afirmam que a psicopatia resulta de dificuldades no estabelecimento de laços na infância, eu inverteo o argumento: em algumas crianças, a própria impossibilidade de estabelecer laços é um sintoma da psicopatia (HARE, 2013, p. 179).

Katia Mecler, em “Psicopatas do cotidiano”, alega que a personalidade de cada um é fruto do temperamento e do caráter (personalidade = temperamento + caráter). Segundo ela, o “temperamento é herdado geneticamente e regulado biologicamente. Já o caráter está ligado à relação do temperamento com tudo o que vivenciamos e aprendemos na relação com o mundo exterior” (MECLER, 2015, p. 24). Ou seja, já é notável que, segundo a interpretação que faço da autora, já nascemos com essa divergência entre criação e genética. Um pouco mais adiante, Katia vai dizer que todos “nascemos com a semente do bem e do mal, mas como elas vão germinar, crescer e dar frutos depende de uma série de fatores que irrigarão a nossa experiência” (p. 24). Nesse mesmo livro de Mecler, há uma citação acerca de uma pesquisa realizada por um neurocientista da Universidade da Califórnia, na qual ele comparava tomografias de criminosos e de pessoas comuns. Um dia, ele comparou sua própria tomografia com a de um criminoso e percebeu muitas semelhanças, e intrigado com o resultado, fez um teste de DNA que revelou que ele possuía “genes associados à ausência de empatia, a comportamentos agressivos e violentos” (p. 33). Após conversar com a família, descobriu que sempre foi visto como um garoto sombrio, mas sua família sempre buscou estimular tendências positivas no garoto. A autora conclui que “a pesquisa indica que, mesmo quando você nasce com uma determinada carga genética, o ambiente pode modificá-la” (p. 34). Ainda para Mecler, o gênio de todos os indivíduos já vai sendo moldado desde a infância, e isso é resultado de como cada um encara as mais diversas experiências que a vida nos proporciona desde o berço, somado da predisposição biológica que todos carregam desde a concepção. Ainda no mesmo capítulo, a autora vai dizer que:

Mesmo sem saber a proporção exata da influência do meio na formação do caráter, é evidente que viver num ambiente positivo, com afeto, condições sociais adequadas e noção de valores como compaixão e empatia pode aumentar a chance de uma pessoa não desenvolver um traço patológico de personalidade (MECLER, 2015, p. 33).

Uma generalização feita a respeito da psicopatia, segundo Robert Hare, é a de que indivíduos que tiveram um passado conturbado, como privação de afeto, abuso emocional ou físico, rejeição dos pais ou até mesmo maneiras de disciplinas inconsistentes – pais muito autoritários ou imparciais em demasia – ou com algum tipo de trauma no passado estão propensos a desenvolver uma personalidade psicopática; entretanto, como afirma o autor, “o quadro que emerge da experiência clínica e da pesquisa está longe de esclarecer a questão” (p. 177). Para o autor, o fato de que a psicopatia seja proveniente de fatores sociais e de ambientes no qual a pessoa passou o início da vida é uma hipótese inconsistente, mesmo que admitindo que “a negligência e o abuso de crianças podem causar terríveis danos psicológicos. Crianças que passam por essas experiências com frequência têm QIs mais baixos e maior risco de depressão, suicídio, ações impulsivas e problemas com drogas” (p.177). Tais crianças possuem maior risco de cometerem atos violentos por terem maiores ataques de raiva, recusando-se a seguir normas, porém, nenhuma dessas características é suficiente para provas a psicopatia de uma criança.

No filme “Precisamos falar sobre Kevin”, podemos tirar um exemplo da relação entre psicopatia e criação. Eva, mãe de Kevin, desde sua gestação cria repulsa ao bebê, não querendo dar a luz e não estabelecendo uma relação sadia com seu filho ainda na barriga, atitude que, para Melanie Klein, é fundamental, uma vez que o afeto é importante. Quando Kevin nasce, a mãe mantém uma relação fria e distante, acabando por criar um neném esquizo-paranóide, isto é, Kevin sentia-se ameaçado com o mundo que o cercava. Consequente a isso, o filho de Eva cresce com traços violentos e frios, levando a um assassinato em massa e uma dúvida que penetra a mente após assistir ao filme: será que a psicopatia é fruto da criação?

Em outro estudo realizado em Chapecó (Santa Catarina), no Centro de Educação Regional (CER) da cidade, constatou-se que entre os 48 participantes (sendo metade deles retidos por infrações leves – furto, roubo ou porte de drogas – e a outra metade retida por crimes graves – homicídio, latrocínio, assalto a mão armada e estupro), 39 deles tinham

sofrido abusos na infância e, de acordo com o estudo, 56,3% dos adolescentes apresentaram diagnóstico de psicopatia segundo os padrões utilizados⁷.

Atualmente, faz-se importante a cautela com a diferenciação comportamental, pois muitas crianças que apresentam comportamentos inadequados são tidas como “anormais” (uma vez que qualquer anormalidade do que historicamente foi constituído como normal será tido como doença), mas muitas vezes possuem outros objetivos com o mau comportamento, como chamar atenção ou testar limites.

1.2.2 Traços patológicos: psicopatia x natureza

Outra visão que gera conflito é a defendida por muitos estudiosos de que a psicopatia é uma origem de nossa carga genética, ou seja, para tais pesquisadores, a psicopatia é uma anomalia genética, no livro de Robert Hare, ele afirma que “para a sociobiologia, disciplina relativamente recente, argumenta que a psicopatia não é tanto um transtorno psicopático, mas a expressão de uma estratégia reprodutiva específica, de base genética” (p. 173). Sendo assim, muitas opiniões defendem a ideia de que a psicopatia é transmitida geneticamente. Um dos pontos que a teoria biológica mantém como correto por um longo período de tempo é que,

[...] por razões desconhecidas, algumas das estruturas cerebrais dos psicopatas amadurecem em um ritmo anormal muito lento. A base dessa teoria é dupla. Em primeiro lugar, há similaridades entre os eletrencefalogramas (EEGs; registro das ondas cerebrais) de psicopatas adultos e de adolescentes normais. Em segundo lugar, há similaridades entre as características de psicopatas, incluindo o egocentrismo, a impulsividade, o egoísmo e o impulso de obter gratificação imediata, e traços infantis. Para alguns pesquisadores, isso sugere que a psicopatia é reflexo, basicamente, de uma atraso no desenvolvimento. Por exemplo, Robert Kegan, psicólogo de Harvard, argumenta que, atrás da “máscara de sanidade”, proposta por Cleckley, não há insanidade, mas sim uma criança de 9 ou 10 anos de idade (HARE, Robert, 2013, p. 176).

Ao correlacionar a afirmação de Robert Kegan de que não há insanidade em um psicopata com a alegação de vários autores – como Ana Beatriz Barbosa e Robert Hare – é possível constatar que, de fato, os indivíduos apresentam atividades cerebrais supostamente normais, o que causa esse distúrbio seria um problema de personalidade. Entretanto, um modelo biológico argumenta que a psicopatia é fruto de danos e lesões causadas no cérebro no

⁷ Ler trabalho inteiro em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832006000600002>.

começo da vida, em especial disfunções na parte frontal do cérebro, parte essencial no desenvolvimento de atividades mentais superiores, porém, uma pesquisa mais recente, segundo Hare, foi incapaz de provar que há indícios de danos na parte frontal no cérebro de psicopatas, mas ainda assim muitos pesquisadores acreditam que algum tipo de anomalia, “não necessariamente um dano real, pode estar por trás da impulsividade e do freqüente fracasso dos psicopatas em inibir comportamentos inapropriados” (p. 176).

Uma dúvida que permeia a discussão entre natureza x criação e que pende ao lado da biologia se aloja no fato de que muitas famílias possuem filhos que apresentam comportamentos normais, enquanto que outro se demonstra agressivo e rebelde, mesmo com a mesma criação; muitos desses pais mostram-se preocupados e sentem-se culpados por não saberem em que erraram, sendo que a mesma criação foi dada para todos os filhos. Um caso curioso que mostra isso é o de Kate e Jess, duas gêmeas norte-americanas que receberam as mesmas condições de vida desde o nascimento, mas uma delas tornou-se uma mulher cruel e mentirosa, que gostava de enganar a todos e de tirar vantagem dos outros, tendo sido diagnosticada com psicopatia. Os pais dizem que ainda na infância Kate tinha comportamentos violentos e cruéis, inventando sempre mentiras e também maltratando animais. A pergunta que esses pais se fazem é, de fato, uma incógnita: de onde provém a diferença? Se a criação é a base para um indivíduo tornar-se psicopata, como que uma de suas filhas não se tornou? Será que eles erraram ou será que a psicopatia é, de fato, uma anomalia genética? E como já dito anteriormente, o próprio autor que nos revela esse caso, Hare, afirma que não consegue encontrar consistência nas afirmações que alegam que a psicopatia é resultado de uma infância sofrida e de experiências negativas do passado (p. 177).

1.2.3 Considerações sobre a interação entre natureza e criação na psicopatologia infantil

Para muitas pessoas qualificar uma criança ou adolescente como psicopata pode ser forte e pejorativo demais (HARE, 2013). Entretanto

[...] a experiência clínica e pesquisas empíricas indicam claramente que a matéria bruta do transtorno pode e realmente aparece em crianças. A psicopatia não surge de repente, sem aviso, na personalidade da pessoa adulta. Os precursores do perfil descrito revelam-se primeiro no começo da vida. [...] Dados clínicos e relatos pessoais indicam que a maioria dos pais de crianças posteriormente diagnosticadas como psicopatas tinham a dolorosa consciência de que

algo estava gravemente errado antes ainda de o filho entrar para a escola. Embora todas as crianças, no início, tenham um desenvolvimento sem as restrições dos limites sociais, algumas teimam em permanecer imunes às pressões socializantes. (HARE, 2013, p. 165).

Para o manual de diagnósticos de transtornos mentais da American Psychiatric Association, não é possível classificar uma criança como sendo psicopata⁸. Ao invés disso, existe uma série de transtornos sociais e comportamentais que as crianças e adolescentes podem possuir e que causam dano aos que estão ao seu redor. Segundo o livro de Robert Hare, ele indica que o manual aponta três categorias, que são o Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade, Transtorno de conduta e transtorno desafiador de oposição (p. 166). Respectivamente, classificam as crianças que com grande grau de desatenção e hiperatividade; crianças que infringem regras sociais e agredem direitos de outros indivíduos; e crianças desafiadoras e agressivas que invadem de modo grave a liberdade de outras pessoas.

Lynam (1997) apresentou a hipótese de que as crianças com transtornos na conduta e com hiperatividade apresentam um déficit de inibição associado ao sistema “serotonérgico”⁹, responsável por sintomas como inquietude motora, hiperatividade, falta de atenção, resistência às normas, etc.. Esta resistência às normas quando associada ao déficit de inibição dá lugar às condutas desafiadoras desde uma idade madura, que unidas a uma espiral de consequências adversas conduzem ao transtorno de conduta com características psicopáticas. Desse modo, segundo este estudo feito por Lynam, a psicopatia infanto-juvenil estaria localizada nas crianças com transtorno de conduta e hiperatividade.

Cooke e Michie (2001) alegam que não é correto etiquetar uma criança como sendo psicopata apenas pelo fato de esta apresentar condutas antissociais. Por outro lado, é evidente que a psicopatia infanto-juvenil inclui traços específicos de comportamento. Sendo assim, segundo a proposta de Frick et al (1994) de que o funcionamento pessoal desses indivíduos estão agrupados nas dimensões de dureza e insensibilidade, acaba sendo possível analisar que a essência da psicopatia é radicada com tais características e que, na presença delas, o melhor a se fazer é estudar para elaborar um plano de ação que possa intervir efetivamente.

⁸ Para a Associação Americana de Psiquiatria (APA), os traços de personalidades são delineados a partir de comportamentos persistentes no modo como o sujeito se percebe, como se relaciona e o que pensa a respeito de si mesmo e do ambiente em que vive.

⁹Sistemas modulatórios difusos implicados nos transtornos do humor.

Estrella Romero, em uma pesquisa intitulada “El constructo psicopatía en La infancia y en la adolescencia: del trastorno de conducta a la personalidad antisocial”, realizado na Universidad de Santiago de Compostela, Espanha, concorda com o fato de que grande proporção dos delitos é cometida pela minoria de delinquentes persistentes e se estima que boa parte desse grupo seja constituído por psicopatas. Entretanto, apesar do interesse suscitado pelo surgimento da psicopatía e apesar dos progressos alcançados na avaliação e no esclarecimento de sua natureza, pouco se sabe sobre os antecedentes e sobre a evolução da patologia; e ainda que o termo da psicopatía seja reservado apenas aos adultos (de acordo com a American Psychiatric Association), a maior parte dos clínicos e dos investigadores provavelmente estariam de acordo em que as características não aparecem subitamente em idade adulta, mas que se manifestam em idades mais jovens da vida (Forth & Burke, 1998).

Levando em consideração tais aspectos, Hare posiciona-se defendendo o surgimento da psicopatía a partir de uma interação complexa entre fatores sociais e fatores biológicos (2010, p. 180).

Embora a psicopatía não seja, primariamente, o resultado de uma criação problemática ou de experiências infantis adversas, eu acho que esses fatores desempenham papel importante na modelagem daquilo que a natureza forneceu. Os fatores sociais e a criação afetam o modo como o transtorno evolui e o modo como se manifesta no comportamento. Portanto, o indivíduo que tem uma mistura de traços de personalidade psicopata, mas cresce em uma família estável e tem acesso a recursos sociais e educacionais positivos pode vir a ser um artista da fraude ou um criminoso de colarinho branco ou ainda um empresário, político ou profissional um tanto questionável. Já outro indivíduo, com os mesmos traços de personalidade, mas com história de privação e conturbação, pode se tornar um vagabundo, um mercenário ou um criminoso violento. Em qualquer dos casos, os fatores sociais e a criação ajudam a modelar a expressão do transtorno, mas têm menos efeito sobre a incapacidade do indivíduo de sentir empatia ou de desenvolver consciência. (HARE, 2010, p. 181).

Contudo, Adrian Raine faz a pergunta:

Então, como alguém evolui dos genes para o comportamento antisocial? Uma hipótese é de que as anormalidades genéticas resultem em anormalidades estruturais no cérebro, que resultam em anormalidades emocionais / cognitivas / comportamentais, as quais, por sua vez, predisõem ao comportamento antisocial. (RAINE, 2008).

Bloom, em seu livro “O que nos faz bons ou maus”, relata um experimento que realizou com bebês de seis a dez meses de vida, mostrando, em um show de fantoches, a

trajetória de uma pequena bola que tentava subir uma ladeira e um boneco “bom” a ajudava, ou a bola era empurrada para baixo por um boneco “mau”. Ele conta que, invariavelmente, o boneco que auxiliava a bolinha era o preferido dos bebês. “Isso sugere que eles contam com uma apreciação geral do comportamento bom e mau” (BLOOM, 2014). Desse modo, o autor e psicólogo afirma que os bebês já nascem fazendo escolhas morais, podendo distinguir entre ações gentis ou cruéis, sofrendo ou não com a dor alheia, tendo um senso de igualdade e justiça – ou não.

Em contraposição a isso, Hare (2010) afirma que a qualidade da vida familiar tem muito menos influência sobre os comportamentos antissociais dos psicopatas do que sobre o comportamento da maioria das pessoas (p. 181). Neste mesmo capítulo, o autor nos traz algumas constatações gerais suscitadas de estudos e de avaliações sobre os efeitos da formação familiar sobre a posterior criminalidade em infratores psicopatas e não psicopatas, que são¹⁰:

- Não descobriram nenhum indício de que a formação familiar dos psicopatas difere daquela dos outros criminosos. Como era de se esperar, a maioria dos criminosos vem de famílias marcadas por algum tipo de problema;
- Entre os criminosos que não eram psicopatas, a qualidade da formação familiar estava fortemente relacionada com a idade de surgimento e com a gravidade das primeiras atividades criminosas. Portanto, aqueles que vinham de uma família problemática ou desamparada, faziam sua primeira aparição em tribunais aos 15 anos, enquanto que aqueles com uma formação familiar relativamente estável iam parar nos tribunais mais tarde, por volta dos 24 anos;
- Em agudo contraste, a qualidade de vida familiar não tinha absolutamente nenhum efeito sobre a emergência da criminalidade ou instabilidade de suas famílias, os psicopatas se faziam presentes em tribunais por volta dos 14 anos;
- As descobertas a respeito dos criminosos que não eram psicopatas estavam de acordo com a literatura geral sobre criminalidade, ou seja, influências familiares nocivas promovem o desenvolvimento precoce da atividade criminosa. Entretanto, no caso dos psicopatas, nem uma boa vida familiar, capaz de promover o desenvolvimento sadio dos irmãos, conseguiria impedir que tivessem uma vida de fria autogratificação;

¹⁰ Os argumentos apresentados foram retirados do livro “Sem Consciência”, página 181.

- Há uma exceção importante nessas conclusões gerais: nossa pesquisa indicou que os psicopatas originários de famílias instáveis cometiam muito mais transgressões violentas do que aqueles que vinham de famílias estáveis. Já sobre os demais criminosos, a criação tinha pouco efeito sobre o grau de violência. Isso é consistente com a afirmação inicial de que as experiências sociais afetam a expressão comportamental da psicopatia. Uma história familiar de privação e conturbações, em que o comportamento violento é comum, encontra no psicopata um pupilo entusiasmado, para o qual a violência não é emocionalmente diferente de outras formas de comportamento. É claro que outras pessoas também aprendem comportamentos violentos, mas, por causa de sua maior capacidade de sentir empatia e de inibir os próprios impulsos, elas não se comportam dessa forma tão facilmente como os psicopatas.

1.2.4 A justiça e a sociedade frente à psicopatia: algo pode ser feito?

Como já está claro para o leitor, o diagnóstico da psicopatia é muito difícil, ainda mais quando falamos de crianças (HARE, 2010). Antes do tratamento correto, é preciso identificar os indivíduos de modo correto e eficaz (p. 187). Os instrumentos atuais mais confiáveis para o diagnóstico em crianças e adolescentes são:

- PscopathyChecklist: YouthVersion: utilizada para a medição do índice de psicopatia entre as idades de 12 e 18 anos, criada por Robert Hare. Essa variante está dividida em quatro partes: afetivo, interpessoal, conduta impulsiva e antissocial.
- APDC – AntisocialProcessScreeningDevice: utilizada para avaliar traços psicopáticos em crianças de 6 a 13 anos. Pontuam-se em uma escala de três pontos em três dimensões de comportamento: insensibilidade emocional, narcisismo e impulsividade. O teste é feito por adultos próximos à criança.
- YPI – YouthPscopathicTraits: para jovens de 12 a 18 anos, avaliando traços psicopáticos por meio do auto-reporte.

Quando pensamos em diagnóstico, logo pensamos em prevenção. Entretanto, quando se trata da psicopatia, a visão é bastante fatalista:

Com poucas exceções, as formas tradicionais de psicoterapia, incluindo psicanálise, terapia em grupo, terapia centrada no cliente e

psicodrama, têm se mostrado ineficazes no tratamento da psicopatia. E as terapias biológicas, incluindo a psicocirurgia, a eletroconvulsoterapia e o uso de vários medicamentos, não se saíram muito melhor¹¹ (HARE, 1970, p.110).

Há um fato que nos ajuda a entender porque muitas das ações tentadas por psicólogos e psiquiatras resultam em fracasso mediante os psicopatas: eles não querem se ajudados, e oprincípio determinante da terapia, é o desejo de querer ser ajudado, pois somente assim o paciente exercerá papel ativo em sua busca por alívio dos sintomas. “E aqui está o x da questão: os psicopatas acham que não têm problemas psicológicos ou emocionais e não vêem o motivo para mudar o próprio comportamento a fim de atender a padrões sociais com os quais eles não concordam” (HARE, 2010, p. 200). Apesar de vários profissionais acreditarem que a melhor maneira de reduzir o impacto da psicopatia seja trabalhar na questão desde cedo, os esforços feitos até o momento não foram bem sucedidos. Hare nos traz a visão de um sociólogo que concluiu que as “tentativas de fazer a pessoa se desviar dos próprios padrões psicopáticos no início da vida não têm dado certo”¹². São raros os psicoterapeutas que atendem psicopatas.

Aqui no Brasil temos o Instituto Nacional de Psiquiatria do Desenvolvimento (INPD), que é responsável pela criação de vários projetos que visam atingir ampla parcela da população infanto-juvenil (desde a gestação até os 18 anos de idade) com o objetivo de identificar indivíduos de risco e testar intervenções antes que as patologias sejam manifestas, fazendo com que o alvo dos projetos criados pelo instituto seja intervenção e acompanhamento da trajetória do desenvolvimento do distúrbio e não apenas a busca pelo alívio aos sintomas que já estão instalados no indivíduo.

¹¹ Robert Hare (1970). *Psychopathy: Theory and Research*. New York: Wiley, p. 110.

¹² Willian McCord (1982). *The psychopath and Millieu Therapy*. New York: Academic Press, p. 202.

2 METODOLOGIA

Essa pesquisa qualitativa visou estudar sobre como uma criança evolui para um comportamento social inadequado, analisando os fatores de risco e quais as prováveis causas da característica psicopática que acompanham um sujeito desde o berço.

Com levantamento bibliográfico, buscou-se descobrir quais as possíveis causas que fazem com que um indivíduo infante desenvolva indícios psicopáticos, e quais os transtornos comportamentais que estão presentes na infância que demarcam ou confirmam se tal sujeito terá problemas psicopáticos na vida adulta – como, por exemplo, furtos, mentiras, agressão física e verbal e maltrato com animais. Dentre as bibliografias utilizadas, a que mais se destaca é o livro de Robert Hare, “Sem Consciência”, livro este que aborda de modo consistente e atualizado as questões da psicopatia, uma vez que o autor é um psicólogo com especialidade em psicologia criminal e em psicopatia, sendo que acompanhou e investigou inúmeros casos e desenvolveu um teste altamente utilizado para diagnosticar sujeitos com traços de psicopatia; em segundo plano, foi utilizado o livro de Katia Mecler – renomada psiquiatra e professora - “Psicopatas do Cotidiano”, no qual aborda de maneira didática a relevância e o impacto que este transtorno de conduta infere na sociedade.

No livro “O senhor das moscas”, de William Golding, um grupo de crianças sobreviventes cai em uma ilha deserta e passa a viver sem a intervenção de adultos, o que logo resulta em um grande caos, pois o psicológico dessas crianças vai ficando conturbado e suas ações não possuem mais o limite que é imposto pela sociedade e suas leis. Desse modo, segundo a linha de pensamento deste romance, pode-se dizer que toda a estrutura psicológica não é apenas delimitada pela sociedade, mas está dentro de cada indivíduo, que é constantemente regido por normas e leis, mas possui instintos primitivos e agressivos que podem vir à tona quando a liberdade é anunciada – no caso deste livro, eles apenas possuem consciência do que estão fazendo quando chega um adulto. Desse modo, ao longo do trabalho, buscou-se, por meio de levantamentos bibliográficos, compreender a relação entre o ambiente externo e o surgimento de características comportamentais agressivas ou mal intencionadas na infância, levando em consideração a criação familiar e a genética e, com isso, investigar a questão: é possível uma criança ser psicopata?

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema abordado é bastante complexo. Porém, de grande valor para a sociedade e para os profissionais envolvidos na área. Eu, como futura pedagoga, acho pertinente os professores terem conhecimento acerca da temática para que possam saber as medidas prováveis ou não e quais os caminhos que a medicina oferece atualmente. Na sala de aula nos deparamos com alunos de diversas condutas e de diversas criações. O que me suscitou o interesse pelo tema foi justamente o fato de ter trabalhado com algumas crianças que, a meu ver, apresentavam indícios claros de uma possível psicopatia – pois bem, dentre tais alunos, houve um aluno que foi impulsionador para a escolha do tema. Claramente, este é um assunto que ainda carece de conclusões – se é que um dia isso virá a ser possível, visto que quando falamos da mente humana, as possibilidades são inúmeras.

De acordo com a investigação por mim levantada, concluo que a psicopatia é um estado mental que encontra como principais fatores de risco a genética e o ambiente/educação hostil, entretanto, é impertinente afirmar qual o efeito que mais contribui para sua evolução. Eu, particularmente, acredito que há uma interação entre o fator genético e o fator ambiental, uma vez que estudei casos que comprovam que é bastante relativo o nascimento do distúrbio. Em uma das pesquisas abordadas neste trabalho, duas pesquisadoras espanholas chegaram à conclusão, por meio de questionários, que os filhos de pais autoritários possuem maior tendência ao comportamento socialmente inadequado, o que nos aponta que a criação pode vir a ser um fator de grande relevância; do mesmo modo que alguns dos estudos mostram que muitas crianças que foram criadas em famílias com condições estáveis rebelaram-se sem precedentes. Dessa maneira, é extremamente complicado assegurar qual o fator de maior relevância.

No que diz respeito à nomenclatura adequada, a literatura, em sua maioria, considera que crianças não podem ser consideradas psicopatas uma vez que ainda não possuem o cérebro e a personalidade formada. Todavia, quando presenciamos no nosso cotidiano uma criança com tamanha artimanha e malícia, nos sentimos tentados a alegar que sim, ela é um psicopata. Com efeito, por se tratar de um tema que não está nem perto de ser esgotado, as opiniões podem ser – e são – divergentes. Em se tratando de diagnóstico, eu não acredito que exista uma cura para a psicopatia. Afinal, não há cura para o que não é doença. Embora na

análise da palavra latina encontremos sua raiz significando “doença da mente”¹³, a psicopatia é um transtorno de personalidade. Pelo que foi apresentado, acredito que na infância seja mais plausível afirmar que uma criança padeça de um transtorno de conduta, que pode – ou não – se transformar em um quadro mais grave, que é o caso do transtorno de personalidade, a psicopatia.

3.1 Visão interativa entre pedagogia e psicopatia

Quando perguntei aos meus companheiros de trabalho sobre seus alunos e possíveis traços de psicopatia por eles demonstrados, grande parte não soube me responder, pois não tinha conhecimento do transtorno. Eu, quando em sala de aula, costumo observar os comportamentos dos meus alunos individual e coletivamente, algo que sempre me interessou. Como sou fascinada pela psicologia forense, sempre li, assisti e pesquisei sobre esse assunto. Agora, com a escolha do meu tema, pude me aprofundar, embora não tenha abrangido de modo específico a psicopatia infantil e a sala de aula. Com os conhecimentos obtidos e com a experiência dentro da escola, confesso que já passei por alguns poucos alunos que demonstravam, sem dúvida, indícios de transtornos de conduta – alguns não manifestavam de maneira violenta, enquanto outros batiam nos colegas sem a menor razão; alguns eram mestres em manipular tendo ainda pouca idade, enquanto outros mentiam descaradamente. Porém, o elo em comum que encontrei em todos foi justamente a falta de remorso: nenhum deles se sentia constrangido com ameaças e não demonstravam preocupação alguma: seus sentimentos pareciam rasos e superficiais, mostrando-os apenas quando era conveniente. Essas crianças, muitas vezes, possuem uma criação isenta de limites e tal fato é extremamente nocivo, pois estas passam a acreditar que podem tudo e não reconhecem que seus atos geram consequências. Costumo, particularmente, associar a psicopatia com um grande egocentrismo, pois o indivíduo em questão não se demonstra preocupado com os sentimentos alheios. Em minha opinião, esse egocentrismo pode ser corrigido na criação na maioria das vezes, e cabe aos pais e professores mostrar-lhes que toda ação gera uma reação e que limitar as crianças, ainda que pareça cruel, é uma atitude que poderá servir como um escudo para problemas piores. Entretanto, o outro extremo também é prejudicial: pais extremamente autoritários costumam criar filhos rebeldes, o que abre portas para o transtorno de conduta, que poderá se

¹³ Ler capítulo 1.

agravar e se converter em uma personalidade psicopática. Pois bem, aqui ressaltamos a linha tênue da criação contrapondo com minha experiência pedagógica. Há outro aspecto importante no transtorno de personalidade que diz respeito à genética, e essa questão é extremamente mais específica e, a meu ver, mais difícil de ser corrigida – se é que se corrigem tais indivíduos. Resumidamente, acredito que o professor, dentro da classe, deve estar ciente das mazelas que podem acometer seus estudantes no que tange ao comportamento. Quanto mais soubermos sobre a psicopatia e sua relação com a infância, maiores são as chances de intervenção e, possivelmente, de tratamento.

Concluindo, conforme afirmação do professor Valério – orientador deste trabalho – em sala de aula: “Psicopatia não é caso para professor ou psicoterapeuta, é caso de polícia”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, V. J. Anotações de sala de aula. Disciplina Psicologia e Educação, 2011.
- BLOOM, Paul. **O que nos faz bons ou maus**. 1ª Ed. São Paulo: Best Seller, 2014.
- CASPI, A., LYNAM, D., MOFFITT, T. E., & SILVA, P. A. **Unraveling girls' delinquency: Biological, dispositional, and contextual contributions to adolescent misbehavior**. Developmental Psychology, 1993.
- CLECKLEY, Hervey. **The Mask of Sanity – an attempt to clarify some issues about the so called psychopathic personality**. 5ª ed. Emily Cleckley, 1941/1988.
- CONNOR, D. **Aggression and Antisocial Behavior in Children and Adolescents: Research and Treatment**. In American Psychiatry Association. The Guilford Press, New York. Disponível em: <<http://www.psychiatry.org/>>. Acesso em 17 de novembro de 2014.
- COOKE, D.J. & MICHIE, C. **Refining the construct of psychopathy: Towards a hierarchical model**. Psychological Assessment, 13,171-188.
- FORTH, A.E. & BURKE, H.C. (1998). **Psychopathy in adolescence: Assessment, violence, and developmental precursors**. En D.J. Cooke, A.E. Forth & R.D. Hare (Eds.), Psychopathy: Theory, research and implications for society (pp. 205-230). London: Kluwer.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização** (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1929).
- FRICK P J., O'BRIEN, B. S., WOOTTON, J. M., & MCBURNETT, K. **Psychopathy and conduct problems in children**. Journal of Abnormal Psychology, 103, 700-707.
- GOLDING, William. **O senhor das moscas**. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Alfaguara, 2014.
- GULLHAUGEN, Aina Sundt. **Terapia para psicopatas**. Associação Brasileira de Psicologia, agosto de 2012. Disponível em: <<http://www.abp.org.br/portal/terapia-para-psicopatas/>>. Acesso em 17 de novembro de 2014.
- HARE, Robert B. **Sem consciência: o mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós**. Tradução por Denise Regina de Sales. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- HORTA, Maurício. **Mentes Psicopatas: Quase Humanos**. Super Interessante, edição 267-A, p. 3, outubro, 2014.
- LISA A.; MARSHALL & COOKE, D.J. **The Childhood Experiences of Psychopaths: A Retrospective Study of Familial and Societal Factors**. Journal of Personality Disorders: Vol. 13, No. 3, pp. 211-225.
- LYNAM, D. R. **Pursuing the psychopath: Capturing the fledgling psychopath in a nomological net**. Journal of Abnormal Psychology, 106,425-438.
- LYNAM, D. R. **The early identification of chronic offenders: Who is the fledgling psychopath?** Psychological Bulletin, 120, 209-234.

MECLER, Katia. **Psicopatas do cotidiano: como reconhecer, como conviver, como se proteger**. 1 ed. – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.

RAINE, Adrian. **O crime biológico: implicações para a sociedade e para o sistema de justiça criminal**. Revista Psiquiatria, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v30n1/v30n1a03.pdf>>. Acesso em 11 de dezembro de 2014.

SALTARIS, C. **Psychopathy in juvenile offenders: Can temperament and attachment be considered as robust developmental precursors?** Clinical Psychology Review, 22, 729-752.

SCHMITT, R, PINTO, T., GOMES, K., QUEVEDO, J., STEIN, A. **Personalidade psicopática em uma amostra de adolescentes infratores brasileiros**. Rev. psiquiatr. clín. vol.33 no.6 São Paulo 2006.

SCHNEIDER, Kurt. **Las personalidades psicopáticas**. Madrid, Morata, 1948.

SILVA, A. B. B. **Mentes perigosas: o psicopata mora ao lado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

What makes us good or evil? Direção de Paul Bloom e Karen Wynn. Estados Unidos, 47 min, 2011.